

# Alinhar no “distanciamento social”: tato, tecido e memória nos tempos de COVID-19

---

## Katia Olalde

Universidade Nacional Autônoma do México, Cidade do México, México  
katia.olalde@enesmorelia.unam.mx  
orcid.org/0000-0001-6426-3924

## Marianela Santoveña Rodriguez

Universidade Nacional Autônoma do México, Cidade do México, México  
orcid.org/0000-0001-6848-4783

## Tania Andrade Olea

Colectivo Fuentes Rojas  
Cidade do México, México  
orcid.org/0000-0002-0159-6921

---

**Resumo** | A Iniciativa Bordando pela Paz e Memória: Uma Vítima, um Lenço (IBPM) surgiu com o intuito de resgatar a memória das vítimas da violência provocada pela “guerra contra o narcotráfico” no México. Durante nove anos e por várias mãos, bordava-se um lenço para cada pessoa assassinada ou desaparecida. Neste texto, apresentamos algumas reflexões sobre o que acontece com os objetos que produzimos –os lenços bordados – e com o mundo que formam em meio a uma crise de saúde pública somada ao desastre implacável da violência no México.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Guerra contra o narcotráfico. México.

---

## Hilvanar a “sana distancia”: tacto, tela y memoria en tiempos de COVID-19

**Resumen** | La Iniciativa Bordando por la paz y la memoria: una víctima, un pañuelo (IBPM) surgió con la intención de rescatar la memoria de las víctimas de la violencia suscitada por la llamada “guerra contra el narco” en México. Durante nueve años y a varias manos, se ha tratado de bordar un pañuelo por cada persona muerta o desa-parecida. Lo que presentamos a continu-ación son algunas reflexiones sobre lo que sucede con los objetos que producimos – en este caso, los pañuelos– y con el mundo que constituyen en medio de una crisis sa-nitaria que se suma a la incesante debacle de la violencia en México.

PALABRAS CLAVE: Memoria. Guerra contra el narco. México.

---

## Tracking up a “healthy distance”: touch, cloth and memory of COVID-19 times

**Abstract** | The Initiative Embroidering for Peace and Memory: one victim, one handkerchief (IBPM) was created with the intention of res-cuing the memory of the victims of the violence caused by the so-called “war on drugs” in Mexico. For nine years and with several hands, they have tried to embroider a handkerchief for each dead or missing person. What we present below are some reflections on what happens to the objects we produce –in this case, the handkerchiefs– and to the world they constitute in the midst of a health crisis that adds to the incessant debacle of violence in Mexico.

KEYWORDS: Memory. War on drugs. Mexico.

---

Enviado em: 31/10/2020  
Aceito em: 15/12/2020  
Publicado em: 23/12/2020

A iniciativa *Bordando pela paz e memória: uma vítima, um lenço* (IBPM) foi criada em junho de 2011 pelo grupo de cidadãos, artistas plásticos, jornalistas e pesquisadores em resposta ao apelo de Javier Sicilia para que resgatasse a memória das vítimas da violência no México. O poeta e jornalista mexicano Javier Sicilia fez esse apelo após o assassinato do seu filho no final de março desse mesmo ano. Como indica o subtítulo da IBPM, a ação consiste em bordar um lenço em memória de cada pessoa assassinada ou desaparecida no México. Inicialmente, os criadores da IBPM – organizados como uma Iniciativa *Vamos parar as balas, mostrar as fontes* (*Paremos las balas, pintemos las fuentes*) e depois como coletivo Fuentes Rojas – usaram apenas linha vermelha para se referir ao sangue derramado. No entanto, quando algumas pessoas que procuravam seus parentes desaparecidos começaram a bordar, decidiu-se usar linha verde em seus lenços para evocar a esperança de encontrar seus entes queridos com vida.

A IBPM iniciou essa atividade a partir dos casos de homicídio provenientes de uma lista utilizada na Action# 2 Enveloppe vide (Acción# 2 Sobre vacío), um protesto convocado na Internet entre abril e maio de 2011 para que fossem enviados ao então presidente Felipe Calderón envelopes vazios em nome de uma pessoa assassinada no México. Os remetentes dessas “silenciosas cartas de paz” (HARMODÍO, 2011) resultavam, por sua vez, de uma contagem/nomeação das pessoas assassinadas nesse país, chamada *Menos días aquí* (*Menos días aquí*) (<http://menosdiasaqui.blogspot.com/>), na qual voluntários coletavam informações sobre 56.611 mortes ocorridas por violência no México entre 12 de setembro de 2010 e 3 de julho de 2016.

Embora a IBPM tenha sido criada na Cidade do México, a ação despertou interesse em outras cidades mexicanas, até mesmo em outros países. No decorrer de 2012 – último ano da gestão de Felipe Calderón – o objetivo principal dos integrantes da IBPM foi realizar uma intervenção na esplanada do Zócalo, em frente ao Palácio Nacional da Cidade do México. Essa intervenção visava expor o maior número possível de lenços pendurados em varais.

A intervenção que a IBPM pretendia realizar no Zócalo foi concebida como um memorial do cidadão por meio do qual era apresentada, de forma tangível, a quantidade de vítimas, denunciando assim a perda de vidas humanas e os danos causados pela estratégia de segurança de Calderón: a chamada “guerra contra o narcotráfico” no México. Outro objetivo desse memorial era alertar o presidente entrante, Enrique Peña Nieto, que a sociedade civil permaneceria vigilante em relação à política de segurança do governo federal e que continuaria exigindo a implementação de políticas públicas voltadas, por um lado, ao reconhecimento

das necessidades das vítimas como uma questão de interesse geral e, por outro, atender a suas demandas.

No entanto, cabe ressaltar que a intervenção de 1º de dezembro de 2012 não foi a única. Antes e depois dessa data, as pessoas que se juntavam à IBPM realizavam eventos de rememoração e encontros de bordado, tanto em espaços abertos quanto fechados, nos quais variava o número de participantes. Durante as sessões de bordado que ocorreram em parques, praças e esplanadas, os transeuntes eram convidados não apenas a ler os textos bordados nos lenços, mas também a pegar o aro, a linha e a agulha e contribuir, com alguns pontos, com o registro de um novo caso. Com base nesse esquema de revezamento, os lenços foram bordados, na Cidade do México, por várias mãos e por muitas pessoas que, em muitos casos, não se conheciam. A flexibilidade e a delicadeza dos varais também facilitaram a transferência dessas montagens em um mosaico (ou lençóis chamados pelos integrantes do coletivo Fuentes Rojas) durante manifestações e protestos públicos.



**Figura 1** - Fuentes Rojas/Coyoacán, et al. manifestação na avenida Paseo de La Reforma por um ano completado do desaparecimento forçado de 43 estudantes da Escola Normal em Ayotzinapa, Guerrero, em 26 de setembro de 2015. Fotografia: Katia Olalde

Em 30 de janeiro de 2019, o atual presidente Andrés Manuel López Obrador declarou que a “guerra contra o narcotráfico” havia terminado, no entanto, o número de pessoas assassinadas e desaparecidas no México continua aumentando, o que mantém viva a necessidade de dedicar tempo e espaço para nomear e lembrar todas essas pessoas.

Em agosto de 2020, os “bordados dominicais” no Jardín Centenario de Coyoacán, Cidade do México, completaram seu nono ano de execução ininterrupta. Por quase uma década, essas sessões semanais de bordado sobreviviam a conflitos e atritos vividos pelo coletivo após estas duas transições presidenciais: de Calderón a Peña Nieto em dezembro de 2012 e de Peña Nieto a

López Obrador em dezembro de 2018. Essa prática mantida pelos membros do coletivo com determinação e perseverança foi interrompida em março de 2020 devido à pandemia de COVID-19. A seguir, apresentamos algumas reflexões sobre o que acontece com os objetos da memória viva e com o mundo que formam em meio a uma crise de saúde pública somada ao desastre implacável da violência no México.

**TA:** Primeiro, eu gostaria de dizer que nesse período inusitado causado pela pandemia de COVID-19, as companheiras do coletivo Fuentes Rojas não puderam se reunir fisicamente como fazíamos todos os domingos no Parque Centenário, próximo à fonte de Los coyotes, na prefeitura de Coyoacán na Cidade do México, para bordar nosso memorial cidadão, que tem como objetivo homenagear e apresentar nossas irmãs e irmãos assassinados e desaparecidos desde o governo de Felipe Calderón, e trazê-los da escuridão do esquecimento à luz do público.

Essa pausa forçada em nosso trabalho nos serviu para refletir sobre o desenvolvimento de *Bordando pela Paz e Memória. Uma vítima, um lenço* e entender melhor nossa tarefa. Bordar nosso memorial cidadão coletivo nos oferece a possibilidade de compartilhar ações e palavras, de falar sobre o que não se fala, de nos relacionar de forma diferente com os outros a partir do encontro do comum e da corresponsabilidade, e de doar trabalhos feitos com dedicação por nossas mãos e nossos corações. Bordar junto com outras pessoas ajuda a processar a angústia, a dor e a solidão, combate o silêncio, a ignomínia e a indiferença. “Somos uma voz de agulha e linha que não se cala”, diria Eduardo García, do coletivo Bordando pela Paz Puebla.

**MS:** Meu primeiro contato com a IBPM foi participando de alguns “bordados dominicais” em Coyoacán. A atividade do bordado, além de concentração, precisão e contato com os materiais, exige (e sempre precisa) tempo. Diferente de pensar em realizar uma ação ou encontrar conhecidos, estar na prática dos bordados significa reservar um tempo peculiar. Para mim, esse tempo fluía de maneira inusitada: não era como uma carga de trabalho ou um momento de lazer. Era um momento aberto para convocar a presença das pessoas mortas ou desaparecidas que de outra forma dificilmente apareciam no cotidiano do país. As horas dedicadas ao lenço esbarravam em acontecimentos que, como uma corrente subterrânea, estavam modificando completamente o nosso ambiente, mas que pareciam passar despercebidos, ou foram evitados intencionalmente graças a certos truques do discurso, tanto oficial – a “guerra contra o narcotráfico” nunca foi uma expressão usada pelos órgãos governamentais – quanto cotidiana – frases como “estariam envolvidos em algo” foram propagadas como uma fórmula quase mágica para afastar a violência extrema submetida a outros corpos. Bordar, por outro lado, era um exercício que focava o olhar no fio e na máxima de que “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”

(BENJAMIN, 2008). Os lenços bordados do coletivo Fuentes Rojas se referem a fatos que são do nosso interesse, apesar de uma aparente vontade coletiva de tentar se livrar deles empurrando-os para a esfera privada.

Assim, a duração do exercício corporal ao se apresentar para bordar foi estruturada como uma desarticulação temporária voltada, pelo menos, a três tarefas. Em primeiro lugar, à memória, já que se dedicava tempo a uma pessoa, aquela a quem o lenço se referia, em sua relação com o mundo. Em segundo lugar, à estruturação de acontecimentos históricos de difícil compreensão, na medida em que a proximidade com os participantes e, por vezes, com familiares de pessoas assassinadas e desaparecidas formava uma visão clara e assustadora do que se passava. E, por fim, a uma produção diferente da econômica, uma espécie de cadeia produtiva tátil, literal no caso do tecido e da linha, metafórica e política no caso das pessoas lembradas. Dessa forma, a confecção dos lenços permitiu que as histórias particulares fossem apresentadas como acontecimentos de interesse geral.

**KO:** Nos últimos oito anos, passei um tempo pensando sobre os lenços bordados em memória de pessoas assassinadas e desaparecidas no México desde que Calderón decidiu militarizar o país para combater o crime organizado. O bordado à mão, atividade meticulosa que exige habilidade motora e concentração por longos períodos, esteve ligado desde o século XVI a um ideal de virtude moral feminina inspirado no exemplo da Virgem Maria. Em meio aos debates sobre os efeitos dessa atividade nos estados mentais de quem a pratica, o bordado à mão também foi investido de caráter terapêutico por considerarem que ajuda os praticantes a enfrentar traumas causados por violência ou doença. Como prática de cunho curativo e restaurador, o bordado também esteve vinculado à configuração de testemunhos e memórias dos dissidentes que resistiram a tentativas de silenciamento, pensemos por exemplo nas arpilleras chilenas, mulheres chilenas cujos maridos e filhos desapareceram na ditadura de Augusto Pinochet, que conseguiram concretizar suas experiências driblando o silêncio imposto pelo regime militar.

No México, a IBPM foi criada como uma prática que proporciona espaço-tempo para cultivar empatia e compaixão com as vítimas da violência e, principalmente, como uma ação que fomenta a abertura necessária para dar voz aos familiares, entender suas necessidades e significá-las, não como problemas de natureza privada, mas como questões de interesse geral que merecem a implementação de políticas públicas nos níveis federal e local. Por isso, propus considerar que, no campo da resistência política diante da chamada “guerra contra o narcotráfico” no México, a virtude moral feminina de cunho religioso, que esteve associada historicamente ao bordado à mão, foi delimitada como uma

ética de não violência vinculada ao exercício crítico da cidadania (OLALDE, artigo enviado para publicação). Nesse exercício crítico de cidadania (recordemos que a IBPM foi criada com a finalidade de configurar um memorial do cidadão), os lenços como objetos de memória viva foram partícipes de ações de protesto e peregrinação pelo mundo social, levando marcas e vestígio durante seu percurso. Em 1º de dezembro de 2012, quando a manifestação passou em frente ao local onde os coletivos estavam exibindo os lenços bordados, ocorreu um confronto entre alguns manifestantes e a polícia, os bordados, além das pessoas que participavam da configuração o memorial do cidadão, sofreram os embates da violência e desordem. Alguns foram arrancados subitamente durante a correria, aqueles que sobreviveram ficaram manchados, deformados, rasgados e muitos deles ainda carregam aquelas “cicatrices”.



**Figura 2** - Lenço bordado por várias mãos referente ao total de 80.000 pessoas assassinadas. Fuentes Rojas/Coyoacán, 2011-2013. Fotografia: Katia Olalde, Cidade do México, 2014

**TA:** Devo dizer que as únicas referências do bordado político que eu conhecia antes da IBPM foram feitos em comunidades indígenas e comunidades zapatistas, alguns relacionados à soberania alimentar e outros à difusão do pensamento zapatista.

Minha experiência anterior com agulha foi bordar o nome da minha filha em seu avental e em panos para a escola quando ela tinha dois anos de idade.

Às vezes me pergunto sobre o poder do uso da agulha para construir a memória do nosso povo e quando bordo muitas vezes sinto a mão de outras mulheres sobre a minha, aquelas que usavam a agulha e linha para contar histórias de seu mundo e de seu tempo, das festas, das batalhas e também daqueles que morreram.

Em meu espírito reverbera o espírito das primeiras mulheres e dos primeiros homens que sobreviveram às adversidades, só assim posso explicar a influência e o poder que o nosso trabalho tem em construir, por meio dessa ferramenta primordial, um mundo mais justo e digno.

**KO:** Em minhas reflexões sobre os lenços bordados, uma das ideias centrais tem sido justamente a importância de manipular objetos tangíveis e de realizar uma atividade que requer habilidade motora, concentração e tempo. Outra ideia importante tem sido o contato próximo entre os tecidos e a pele, o corpo, os humores e fluidos corporais. No diálogo publicado no catálogo da exposição *Weavings of War. Fabrics of Memory*, Barbara Kirshenblatt-Gimblett (2005) e Ariel Zeitlin Cooke (2005) analisam a ligação entre as artes têxteis e a memória, bem como as formas como os tecidos se relacionam com o corpo: com tecidos são confeccionados roupas e cobertores, com lençóis são cobertos os cadáveres, com ataduras são protegidas as feridas, com gazes são limpos o sangue e o pus. No entanto, com os tecidos também é possível cobrir, amordaçar e sufocar uma pessoa ou embrulhar um corpo decepado antes de jogá-lo na rua.

**TA:** Os tecidos fazem parte de nossa vida diária desde o momento em que nascemos até o momento em que morreremos. Os lenços ou tecidos que utilizamos em nosso memorial cidadão concretizam cada uma das vidas que foram tiradas e também organizam um espaço único para o nosso encontro. Quando observamos atentamente a superfície dos lenços bordados, podemos perceber uma espécie de orografia construída pelas mãos que bordaram, os pontos mais longos ou mais curtos, a tensão nos fios, o ritmo ou o pequeno caos que deles transborda, os nós, os diferentes fios usados, os vários materiais que às vezes acrescentam, as frases de amor, os estilos. Cada pessoa dá um pouco de si para quem está bordando e nomeando. Os tecidos bordados se tornam mapas da humanidade e estrutura um mundo diferente.

**MS:** O pano é, frequentemente, o material encontrado por parentes que hoje são conhecidos como “buscadores”, ou seja, aqueles grupos que se dedicam a investigar o paradeiro dos desaparecidos, procedendo segundo protocolos de perícia para recuperar os restos mortais e instaurar processos criminais. Vale dizer que são todas essas tarefas que correspondem ao Estado e que os familiares assumem na ausência das instituições. Ao contrário das roupas que encontram e que devem ser tratadas sob rígidos protocolos que evitam a contaminação, os lenços são confeccionados coletivamente, passando por muitas mãos, e querem ser vistos por muitos olhos. Um pano se traduz em outro: o lenço, graças ao bordado coletivo, permite vislumbrar e segurar com as mãos o que significam as roupas nos túmulos em relação à dor de uma perda violenta e reprodução da violência por omissão estatal. Sem dúvida, são dois tecidos diferentes; porém essa relação traz consigo o reconhecimento da dor e da ausência de outros cidadãos, que às vezes

compartilham a perda e que muitas vezes não foram tocados por ela, mas a percebem com clareza, talvez pela primeira vez.

Depois de participar durante meses do Movimento pela Paz com Justiça e Dignidade, promovido por Javier Sicilia, alguns familiares de desaparecidos que se tornaram militantes receberam a visita do então secretário executivo da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, Emilio Álvarez Icaza. Conversando com ele, chegaram à conclusão de que o Movimento não era um fim mas um meio, e que sua principal tarefa era buscar articulação em conjunto, algo que Juan Carlos Trujillo, um dos filhos de María Herrera, chama de “unir os corações” e que se materializou na Brigada Nacional de Búsqueda. Ele descreve esse processo como aquele em que deixou de procurar seus irmãos para buscar todos os desaparecidos, “a melhor decisão que poderíamos ter tomado”, diz – porque agora todos os buscadores estão procurando seus irmãos, que doam seu trabalho e experiência na busca (PIE DE PÁGINA, 2020). Paralelamente, e sempre considerando o processo de tradução – que não é equivalência mas deslocamento –, não há apenas revezamento e dom na tarefa do bordado, e sim uma disseminação do exercício crítico de cidadania.

**KO:** O bordado é uma atividade limpa que não mancha as mãos, é flexível, pois pode ser interrompido e depois retomado, além de ser portátil, já que o trabalho pode ser carregado na bolsa e facilmente transportado.

O tecido de pano portátil, flexível e viajante é historicamente investido de uma carga emocional. Podemos pensar, por exemplo, nos lenços de amizade (*frien-dship handkerchiefs*) que no passado muitas mulheres davam a seus entes queridos para simbolizar laços emocionais. O lenço bordado à mão: portátil, leve, flexível, discreto e ao mesmo tempo querido, também foi companheiro de luta e slogan de um vínculo afetivo que a violência não conseguiu romper. Discreto por seu tamanho e espessura, ao mesmo tempo persistente, viajante, nómade e sobrevivente. Nesses termos, tinha pensado em lenços todos esses anos.

Além do lenço ser uma peça de roupa constantemente manipulada, os bordados à mão são feitos assim com as mãos. Nas formas de participação na IBPM tanto no bordado quanto na apresentação dos lenços ao público, uma característica fundamental é a passagem do lenço de uma mão para outra. Esse meio de revezamento, em que as coisas e as questões relacionadas continuam carregadas de significado pelo fato de passar entre distintas mãos, pode ser uma forma de participação conjunta e demonstração do funcionamento da memória cultural, que, a partir da abordagem proposta por Jan Assmann, é entendida como o conjunto de saberes vinculado à identidade do grupo no qual se desenvolvem e, portanto, mostram ou denotam algo sobre a forma como esse grupo compreende a si mesmo (ASSMAN et al., 1995). As ideias de revezamento e de movimento têm



sido fundamentais nas reflexões que desenvolvemos a partir desses bordados coletivos como uma prática de rememoração cultural. Também a existência material dos lenços como objetos tangíveis que têm forma e ocupam uma extensão espacial. Aqui queremos enfatizar o fato de que são objetos que “vieram ao mundo” para ficar e que “existem por si mesmos”, ou seja, não dependem de dispositivos eletrônicos para aparecerem e serem percebidos. A palavra contato é apropriada para pensar nessa ação colaborativa que visa promover o encontro entre as pessoas através da intervenção e montagem manual de objetos.

**MS:** Uma das virtudes desses lenços bordados por várias mãos, objetos “por direito próprio”, é que o sistema de revezamentos carregava a consciência de que “onde eu toco agora já foi tocado por outra pessoa”. Nos processos de produção industrial, principalmente nos processos industriais globalizados, essa consciência é quase apagada completamente. A produção parece invisível, assim como o consumo do que é produzido: as grandes lojas enviam os produtos para as casas, deixando em anonimato absoluto as pessoas que semearam, coletaram, fundiram, misturaram, embalaram, transportaram etc. A cadeia produtiva tátil do bordado, entendida na perspectiva da memória cultural, pode ser considerada uma subversão da produção industrial. Durante os seis anos de governo de Felipe Calderón, a economia mexicana teve crescimento de 3,5% (CAMPOS SUÁREZ, 2019). Mas o custo humano de sua estratégia de segurança teve perdas incalculáveis. Ao tocar os bordados da IBPM e não poder tocá-los agora, nos leva a questionar sobre como nos concebemos. Principalmente quando a pandemia de COVID-19 nos deixou olhando uns para os outros pelas janelas: as janelas das casas, mas também as janelas dependentes de aparelhos e corporações, longe de qualquer contato. Cristina Rivera Garza afirma que “acompanhar o trabalho das mãos nos processos de produção e reprodução do mundo em que vivemos é uma tarefa eminentemente política” (RIVERA GARZA, 2020), pois saber quem tocou algo antes de mim é também saber que muitas mãos, jovens e velhas, macias e ásperas, firmes e trêmulas, estiveram perto de nós e que essas mãos são nossa responsabilidade. “Alguém já esteve aqui antes de mim” parece ser uma mensagem que às vezes aparece no lenço e que fica sempre evidente ao continuar o bordado. Bordar dessa maneira não evoca abstrações; os lenços se referem a circunstâncias, presenças e corpos específicos, daí a relevância da palavra contato.

**KO:** No contexto das medidas de distanciamento social tomadas para prevenir a contágio do coronavírus SARS-CoV-2, tocar os outros e tocar o que outros tocaram se tornou uma ação arriscada. Em outras palavras, o contato com outras pessoas e superfícies é algo a evitar. Nessas circunstâncias, é impensável que várias mãos bordem o mesmo lenço, a menos que fosse bem lavado toda vez que outra pessoa fosse bordá-lo, o que quebraria a agilidade e praticidade do revezamento em que foram bordados muitos lenços. Também não foi viável distribuir em conjunto os mosaicos (lençóis) que reúnem os bordados. Os tecidos de nossas máscaras têm

como objetivo absorver as gotículas de saliva e secreções nasais que expelimos enquanto falamos. Se o pano dos lenços possibilitava o contato e a conversa, o pano da máscara os separa. Então, me pergunto se esses bordados por várias mãos já se tornaram vestígios de um tempo que ficou para trás, em que era viável tocar o mesmo objeto, intervir e configurá-lo conjuntamente; uma época em que o contato entre pessoas era mediado por coisas e não dominado por interfaces; em que apertar as mãos e dar um sorriso era sinal de simpatia e não de irresponsabilidade ou imprudência.

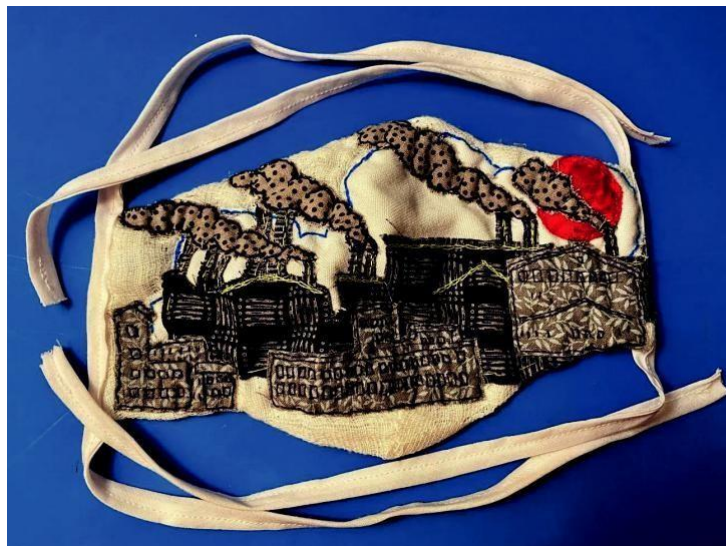
**MS:** Mas agora sabemos que a máscara é usada – pelo menos no contexto específico dessa pandemia – não para se proteger, mas para proteger os outros. Usar o pano, em certo sentido, é um ato intencional de cuidar dos outros. Mas esse cuidado exige interromper todas as cadeias táteis. Vemos uma aparente normalidade do intocável em que o trabalho, as chamadas aos entes queridos, o entretenimento, a aprendizagem, as notícias vão se agrupando na tela, ao mesmo tempo é escancarado o trabalho na rua, necessário para tantas pessoas que muitas vezes não há como interromper. Desse modo, impõe-se um tempo que constitui uma carga supersaturada de trabalho (na forma de produção informal invisível e na entrega de tempos e recursos em plataformas virtuais) e de descanso (que os gigantes das vendas e do entretenimento on-line oferecem de bom grado). As medidas tomadas diante da pandemia impuseram um tempo que também limita os atos de criação, de produção em conjunto.

O que acontece com os tecidos que tocamos? As máscaras rapidamente se tornaram mais uma peça do sistema da moda. São incluídas nas vendas de maiôs, estampadas com marcas de produtos (sejam eles de fabricação “autêntica” ou não), combinadas com o restante da roupa, decoradas com bandeiras dos times de futebol ou de países. Não faz muito tempo desde o início do que no México foi chamado de Dia Nacional do Distanciamento Social, quando duas máscaras chamaram minha atenção na rua. Elas carregavam slogans: em uma estava bordado “Nem uma a menos” e na outra a pergunta “Onde estão [os nossos desaparecidos]?” O que me marcou profundamente foi a impressão de uma vocalização incessante: no lugar da boca, durante todo o tempo em que a máscara é usada, o slogan “clama”. No entanto, o slogan no pano deve ser submetido a estritos controles privados. A modificação ou confecção completa de uma máscara, destinada a aparecer no espaço público para marcar um distanciamento, está confinada ao espaço doméstico. A máscara sai de casa para voltar, aí é lavada, guardada, manuseada, descartada, preferencialmente por uma única pessoa, e essa pessoa geralmente é responsável pelas tarefas domésticas e de cuidado. Esse pano impõe uma solidão já conhecida e muito concreta. Seu uso constitui um ato de proteção que encobre todas as “desmaterializações” do doméstico e do virtual. Assim como nas tarefas domésticas, esse contato com a máscara fica invisível.

**TA:** A agulha, os tecidos e os fios têm sido instrumentos em minhas meditações, que resultaram em uma série de máscaras faciais confeccionadas com distintos materiais e técnicas com diferentes mensagens, às vezes em palavras, às vezes em imagens.

Uso alguns delas quando saio na rua e muitas vezes causam surpresa, o que tornou minha estratégia para poder comunicar minhas preocupações quando vou ao mercado, à loja ou comprar pão.

No começo de maio quando surgiu a discussão sobre a eficácia do uso das máscaras para evitar a transmissão do vírus, resolvi fazer duas máscaras com tecido morim. A ideia era relacionar o material à assepsia e à fragilidade humana diante desse vírus. Essas duas máscaras não foram feitas apenas para comunicar e usar em fotos nas minhas redes sociais. Ambas representarão no futuro esse estranho período em que nossa vida social se reconfigurou.



**Figura 3** - Máscaras confeccionadas com tecido morim. Fotografia: Tania Andrade, CDMX, 17 de julho de 2020

**KO:** Quando você começou a me enviar fotos pelo WhatsApp das máscaras que fez com a técnica de *patchwork* o que mais me chamou atenção foi justamente aquelas que você fez com tecido morim. Esse tecido está diretamente ligado com a gaze utilizada na limpeza de feridas e, portanto, com cuidados, higiene e ambientes hospitalares. Ao mesmo tempo a abertura da trama que caracteriza o tecido morim impossibilitava essas máscaras de cumprir seu propósito original. Sua atitude, Tania, além carregar ironia, produzia questionamentos em quem olhasse as fotos no momento em que se acirrava o debate sobre esse assunto.



**Figura 4** - Autorretrato com máscara. Fotografia: Tania Andrade, CDMX, 17 de julho de 2020

Naquele momento, a preocupação com os lenços bordados como vestígios materiais de um passado me fez ver com outros olhos a notícia que você compartilhou quando o Museu Reina Sofia integrou 200 lenços ao seu acervo (<https://www.museoreinasofia.es/fuentes-rojas>).

Nas fotos, os lenços estavam impecáveis, o que me levou a pensar que eles foram lavados e passados. Retratado dentro de uma caixa bonita igualmente imaculada, que outrora fora objeto de modesta manufatura, participante de protestos sociais e sobrevivente dos embates que levaram a tal participação, agora parece descansar em paz dentro de um caixão intocado.

**TA:** A questão de limpar e passar os lenços é sempre polêmica, realmente eles estão carregados de vestígios visíveis que contam sua própria história; às vezes essas marcas não são de carácter político e social, e sim de agentes biológicos que, se não erradicados, encurtariam a vida do próprio lenço.

**KO:** É verdade, mas eu devo confessar que quando vejo o retrato do lenço dentro da caixa – imagem que comemora o “rito de passagem” que implica sua transformação em arquivo – não posso deixar de associar o carácter imaculado dessa fotografia tão cuidadosamente produzida com a ênfase imposta pela situação atual não apenas na limpeza e desinfecção de objetos e espaços, mas também de nossos próprios corpos. Eu me pergunto se esses lenços, agora retirados em suas caixas imaculadas e abrigados em uma abóbada que serviria de cripta, já serão um vestígio dos modos de interação e colaboração em que o contato, a criação e a manipulação de objetos tangíveis eram uma parte fundamental; os modos de interação em que o contato com as coisas que passavam entre distintas

mãos contribuiu para a formação do mundo comum a que se refere Hannah Arendt, ou seja, a configuração da rede de relações e objetos tangíveis através da qual os indivíduos se vinculam com seus contemporâneos e com seus ancestrais e com as gerações futuras.

**MS:** O vocabulário em que os lenços são incorporados ao arquivo parece se aproximar mais ao de janelas virtuais do que de objeto de memória viva. Não há interação, mas preservação. Não há exigência, mas conservação; não é uma iniciativa (iniciar, ir), mas uma obra (concluída) (MNCARS, 2020).

**TA:** Fizemos essa doação com o objetivo de garantir vida, cuidado, proteção e divulgação desses lenços. Atualmente nosso acervo está dividido em três grandes partes que cada uma de nós (Elia Andrade, Regina Méndez e eu) guarda em casa. Empenhamos em garantir sua conservação e cuidado, ainda que nem sempre conseguimos.

**MS:** Parece que, em certas circunstâncias, os lenços se tornam objetos solitários, como o confinamento em casa tem sido para milhões de pessoas – não importa quão severo seja. Será que a mensagem da máscara, com aquela frase ininterrupta, pode quebrar essa solidão? Consegue fazer isso?

**KO:** A materialização do *mundo comum* referido por Arendt envolve “a fabricação dos produtos da ação e do discurso (isto é, 'o tecido das relações e dos assuntos humanos' (ARENDR, 2005) que surge da fala e da ação em conjunto) em coisas que duram consideravelmente e compreendem o ocorrido; também envolve a comunicação dessas memórias concretizadas em escritos, narrativas orais, imagens e todos os tipos de memórias e documentos (ARENDR, 2005) para as gerações futuras. Os lenços bordados são coisas tangíveis – diferentes dos bens de consumo e objetos úteis – capazes de reaparecer diante de uma variedade de espectadores e manifestar essa realidade que apenas pode ser dada por perspectivas múltiplas”. (OLALDE, 2019)

**TA:** Os lenços clamam e querem sair, é triste saber que estão guardados cada vez que podem ser mostrados, eles fazem parte de manifestações e protestos, também são emprestados para sair e dialogar em mais espaços. Mas eu acho que isso não é suficiente e considero que as coleções estão vinculadas com pessoas. Os lenços, onde for, serão uma Polis.

**MS:** A partir de 1º de dezembro de 2012, os lenços que formavam os lençóis e que participaram dos acontecimentos daquela tarde no Centro Histórico da Cidade do México carregam cicatrizes de uma história. De sua história como objetos e também da nossa história como documentos e memórias de anos que passaram e daqueles que virão. O seu tecido, portátil e cheio de significado

nas ruas, pode constituir “um arquivo moderado de dor”.<sup>1</sup> Para mim, a diferença entre este arquivo moderado e o arquivo do museu é que o primeiro indica, ressalta, enquanto o último guarda, apropria. No exercício que consiste em revisitar o argumento de Arendt, penso que os objetos materiais, que formam o discurso e a ação, exigem que este último permaneça vivo. O gesto que acompanha o pano (dos lenços, das máscaras) é igualmente indispensável para o mundo comum.

Nesse sentido, o lenço bordado por várias mãos se refere à dor, conforme aponta Jan Verwoert em sua ideia de “máquinas para capturar fantasmas” (VERWOERT, 2012). Segundo Verwoert, temos a tendência de multiplicar a dor, transmiti-la e expandi-la. Por exemplo, quando trazemos para casa a dor do mundo e a colocamos diariamente sobre quem realiza as tarefas de cuidado. Ou quando confundimos essa multiplicação de dor com empatia. Diante disso, o autor propõe a fabricação de máquinas que capturam a dor. Essas “máquinas” são objetos que indicam a existência de dor, mas que não é permitida sua expansão. Essa indicação está centrada no reconhecimento da pessoa que a vivencia como alguém que sofre, ao mesmo tempo é uma pessoa pública, que olha e é observada, fala e é ouvida. Diferente de máquinas, as marcas das mãos e o protesto nos lenços me fazem pensar realmente em cicatrizes. Essas marcas são a lembrança de que houve ou há dor, até nos identificamos com elas, mas são intransferíveis. Aprenderemos a encontrar essa leveza, essa ação pequena e concentrada, nos tecidos que tocamos agora? Saberemos mantê-la nesses lenços fora do arquivo? Como afirma Rivera Garza, a pandemia “nos mostra claramente o estado de espírito descarnado do nosso tempo, [e] por si só não criará profundas relações [...] que poderiam embasar outra realidade. Seria bom respondermos às questões exigidas pela rematerialização, e que a rematerialização as torna inevitáveis. O fim da negligência depende de suas respostas” (RIVERA GARZA, 2020).

**TA:** Estamos há sete meses com as medidas de isolamento social, estamos vivendo uma pandemia causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2. É um desafio mundial com o qual temos que lidar. Para sobreviver, deixamos de habitar o espaço público, de nos reunir, tocar e beijar. Nossa vida, tal como concebíamos antes da pandemia, não existe mais. Esse período de confinamento voluntário tem sido uma oportunidade de saber que somos seres interdependentes dos demais organismos que habitam nosso planeta, bem como de refletir sobre ecologia, globalização, sistemas de produção capitalista, consumismo e repensar a vida que levamos. O uso de máscaras é obrigatório ao sairmos de casa como uma medida de proteção, é um gesto de cuidado mútuo, um sentido de comunidade. Embora seja claro que esse uso impossibilita o reconhecimento do rosto, que as conversas e os sorrisos espontâneos que costumavam ocorrer naturalmente em qualquer lugar acabaram, se espalhou um medo generalizado na população.

<sup>1</sup> Expressão pertence a Marta Azparren, em referência à sua obra *Cauterografias*, uma performance de desenho ao vivo em que ilustra cicatrizes de pessoas que partilham uma dor ou lhe mostram uma cicatriz. Comunicação pessoal. Ver: <http://www.martaazparren.es/portfolio/cauterografias/>.

**KO:** No filme *Perfect Sense* (David Mackenzie, 2011), uma pandemia faz as pessoas perderem todos os sentidos um por um (nesse sentido, é uma coincidência com alguns dos sintomas do COVID-19: a perda do paladar e do olfato). Cada vez que se perde um sentido, os estímulos correspondentes desaparecem e com eles as memórias que esses estímulos “despertavam” e mantinham “vivas”. À medida que essas memórias desaparecem, os protagonistas perdem a capacidade de se manter conectados com outras pessoas e de constituir a rede de relações e coisas que Arendt chamou de “mundo comum”. Se as coisas que moldamos e a maneira como fazemos mostram algo sobre quem somos, então me pergunto o que estamos nos tornando?

**MS:** Nos hospitais, os tecidos também servem para separar. Um pano às vezes é usado como parede para dar privacidade a um paciente e cobri-lo do outro (e vice-versa). Um pano cobre o corpo para esconder o toque daquelas agulhas, sondas e seringas. Tanto para os médicos quanto para a equipe de limpeza o contato é essencial, mesmo sob estritos protocolos de segurança. Nos últimos meses, falou-se muito sobre a dedicação de toda essa equipe. Mas pouco foi falado sobre a precariedade em que atuam. Suas máscaras, Tania, assim como os lenços da IBPM, são – me parece – uma forma de mostrar a fragilidade, ao mesmo tempo o imperativo ato de apoiar quem necessita. A questão sobre quem somos, quem fomos e o que estamos nos tornando será respondida com a nossa capacidade – ou a falta dela – de manter formas de contato mesmo neste território desconhecido que trouxe o vírus.

Ao alinhar essas ideias à distância, em diferentes continentes, com diferentes recursos combinados de acordo com as necessidades do momento, especialmente as tarefas domésticas, pequenas e grandes telas, tecidos, fios, papel, voz, texto e fotografia, se reúnem para escrever por várias mãos. A impossibilidade de tocar nos lenços, de abraçar e ficar perto deu lugar ao esforço de construir uma realidade compartilhada com palavras. O mundo comum de Arendt não é monolítico e harmonioso. Está cheio de dissonâncias como a orografia dos lenços. Aquilo que o torna comum é o exercício da ação concertada, o que acontece *entre* as pessoas – aquelas presentes, as já não estão e as que não chegaram – no mundo dos objetos e do discurso. É urgente reconsiderar o papel das coleções, insistir na necessidade de compreender a dor e a fragilidade como questões de interesse geral, e nos questionar sobre a rematerialização das nossas relações. A incerteza que tanto perturbou nossas rotinas talvez seja o único presente desse tempo. A incerteza é própria do futuro, do que está por vir, da realidade compartilhada que ainda temos a oportunidade de criar.

## Referências

ARENDRT, H. **La condición humana**. Barcelona: Paidós, 2005. 366 p.

ASSMANN, J.; CZAPLICKA, J. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, 1995. DOI 10.2307/488538.

BENJAMIN, Walter. **Tesis sobre la historia y otros fragmentos**. Introducción y traducción: Bolívar Echeverría. México: Itaca-UACM, 2008. 118 p.

CAMPOS SUÁREZ, E. El crecimiento por sexenios. **El economista**. Disponible en: <https://www.eleconomista.com.mx/opinion/El-crecimiento-por-sexenios-20190227-0141.html>. Acceso: 27 oct. 2020.

HARMODIO, J. Cartas de Paz. In: **Malversando**. 15 abr. 2011. Disponible en: <http://mal-versando.wordpress.com/2011/04/15/manifestacion-postal-enviemos-por-correo-a-los-pinos-un-sobre-vacio-de-parte-de-una-victima-de-la-violencia>. Acceso: 24 oct. 2013.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, B. Ties That Bind: A Conversation about Heritage, Authenticity and War Textiles. In: ZEITLIN COOKE, A. y MACDOWELL, M. (eds.) **Weaving of War. Fabrics of Memory. An exhibition catalogue**. East Lansing, Michigan: Michigan State University Museum, 2005. 101 p.

MNCARS – Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía. **Fuentes Rojas. Bordando por la paz y la memoria. Una víctima, un pañuelo**. Madrid: MNCARS, 2020. Disponible en: <https://www.museoreinasofia.es/fuentes-rojas>. Acceso: 25 oct. 2020.

OLALDE, K. **Una víctima, un pañuelo. Bordado y acción colectiva contra la violencia en México**. Ciudad de México: RED Mexicana de estudios de los movimientos sociales, 2019. 516 p.

OLALDE, K. **Stitching Together to Promote Critical Citizenship amidst the 'War on Drugs' in Mexico**. Artículo entregado para publicación.

PIE DE PÁGINA. **María Herrera**. Pie de Página: Buscadores. Disponible en: <https://especiales.piedepagina.mx/buscadores/Maria-Herrera.php>. Acceso: 29 oct. 2020.

RIVERA GARZA, C. Del verbo tocar: las manos de la pandemia y las preguntas inescapables. **Revista de la Universidad**, México, junio de 2020. Disponible en: <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/6428d816-f2cf-420d-977e-c9c0f8fc7427/del-verbo-tocar-las-manos-de-la-pandemia-y-las-preguntas-inescapables>. Acceso:



27 oct. 2020.

VERWOERT, J. **Breaking the Chain. Thoughts on trauma and transference.** MUMA, Boiler Room Lecture Series, 6 mar. 2012. 1 video, 1:30:28 min. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=pqYsyF8RbHo>. Acceso: 5 abr. 2013.